

RESENHA

*Gildásio Jesus Barbosa dos Reis**

KELLER, Timothy. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014. 464 p.

O autor, reconhecido como uma das grandes expressões contemporâneas em plantação e revitalização de igrejas, produziu várias outras obras que têm servido de bênção e instrução espiritual para muitos. Pastor da Redeemer Presbyterian Church, uma das igrejas mais importantes de Nova York, e com mais de vinte anos de experiência ministerial em Manhattan, oferece em *Igreja Centrada* uma proposta desafiadora para aqueles que desejam desenvolver eficazmente um ministério urbano.

Keller é o mentor da rede “Redeemer City to City”, projeto que já plantou mais de 200 igrejas em 35 importantes cidades do mundo. Boa parte do conteúdo de *Igreja Centrada* é resultado da experiência vivida na Redeemer desde 1989, ano de sua fundação, bem como de uma série de palestras feitas pelo autor em 2008 e 2009, num encontro internacional realizado na cidade de Londres.

Tim Keller defende, com cuidadoso equilíbrio, uma teologia sobre o crescimento da igreja, evitando por um lado o pragmatismo tão comum em nossos dias, que enfatiza apenas o crescimento quantificável, e, por outro lado, reage à acomodação das igrejas, que embora fiéis ao evangelho não conseguem crescer. Para o autor, além da fidelidade, precisamos de algo mais para avaliar se estamos sendo ministros segundo o coração de Deus. Ele afirma que “é uma simplificação exagerada achar que fidelidade é o que realmente

* Mestre em Educação Cristã pelo CPAJ, mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e doutorando em Ministério pelo CPAJ. É professor no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, Capelão Universitário na UPM e pastor efetivo da Igreja Presbiteriana do Parque São Domingos, em São Paulo.

importa” (p. 15). Para o autor, uma igreja fiel também precisa produzir frutos. É isso que ele tem em mente com o vocábulo “centrada”.

Conforme ele define, *Igreja Centrada* descreve uma visão teológica, um conjunto específico de ênfases e posturas de ministério, no qual o evangelho tem implicações valiosas para a vida, para o ministério e para a missão da igreja em determinada cultura e em certo momento da história. Ele pontua o seguinte:

Neste livro, falaremos muito sobre a necessidade de buscarmos o equilíbrio, como faz a Escritura, *entre* um ministério de palavra *e* um ministério de obras, *entre* desafiar *e* apoiar a cultura, *entre* engajamento cultural *e* distanciamento contracultural, *entre* compromisso com a verdade *e* generosidade para com os que não partilham das mesmas crenças, *entre* tradição *e* prática inovadora (p. 25).

Sendo assim, essa igreja centrada ou equilibrada deve assumir três eixos ou compromissos básicos: evangelho, cidade e movimento.

O primeiro eixo é a *Centralidade do Evangelho*. Keller defende que, se queremos transformar a cultura ao nosso redor, precisamos pregar o evangelho genuíno. Devemos evitar os extremos, tanto a heterodoxia liberal quanto a ortodoxia morta que nada produz. Keller cita o moderno puritano D. Martyn Lloyd-Jones para exemplificar esse equilíbrio quanto ao evangelho:

D. Martyn Lloyd-Jones argumenta que, assim como claramente perdemos o evangelho sempre que caímos na heterodoxia, da mesma forma também deixamos, na prática, de pregar e aplicar o evangelho à nossa própria vida em razão de uma ortodoxia morta ou de ênfases doutrinárias desequilibradas (p. 26).

Está claro em toda a obra que Tim Keller procura caracterizar seu ministério pela profundidade doutrinária e teológica em relação ao evangelho, e não pelo pragmatismo ou por uma filosofia orientada ou motivada por métodos. Essa centralidade pode ser expressa de outra maneira. Ou seja, o evangelho da graça de Jesus Cristo não comunga com o legalismo e muito menos com o relativismo. O evangelho verdadeiro sempre muda o coração do homem e transforma a sociedade. *A igreja centrada* coloca o evangelho no centro e o centro é o lugar do equilíbrio. Keller gasta três capítulos falando sobre a renovação do evangelho, fazendo algumas críticas ao avivamento de Finney. A perspectiva de Keller é a mesma vista em Jonathan Edwards sobre o reavivamento (p. 65-73). Além disso, o autor reafirma a importância dos meios ordinários de graça do Espírito em trazer o verdadeiro avivamento.

Centralidade da Cidade. Neste segundo eixo o autor mostra como o mundo globalizado e os grandes centros urbanos influenciam cada vez mais a nossa cultura e definem, negativamente ou positivamente, a maneira como o trabalho pastoral é desenvolvido. Adotando uma maneira positiva de enxergar a cultura, Keller dedica quase 200 páginas da obra para mostrar como as

idades representam uma das maiores oportunidades da história como lugares estratégicos para o serviço cristão e a proclamação do evangelho.

Cada igreja, esteja ela localizada na cidade, nos bairros mais afastados de classe média alta ou na zona rural (e existem muitos elementos que se alteram ou se combinam entre um e outro desses ambientes), deve familiarizar-se com as características da vida humana nessas regiões e passar a ser versada nessas questões (p. 27).

Keller divide este eixo em três partes: contextualização do evangelho, visão para a cidade e engajamento cultural. Em contextualização do evangelho ele analisa as bases bíblicas da contextualização equilibrada, seguindo uma abordagem de como a cidade é vista na Escritura Sagrada. Segundo Keller, enxergar a cidade sob o ponto de vista bíblico nos ajuda a olhar para a mesma sem indiferença e hostilidade. Na parte seguinte, ao falar de engajamento na cidade, o autor analisa historicamente o surgimento de quatro modelos de engajamento cultural (modelo transformacionista, modelo da relevância, modelo transcultural e modelo dos dois reinos), concluindo com o modelo que ele entende ser o melhor para a igreja alcançar a cidade, ou seja, o Modelo dos Dois Reinos. Keller dedica algumas páginas mostrando esta dupla estrutura da natureza da regência de Deus, que é o que impulsiona este quarto modelo. No entanto, ele entende que os quatro modelos apresentam tanto pontos positivos quanto negativos. A proposta do autor é que a igreja centrada procure mesclar as perspectivas culturais e bíblicas de todos os modelos em suas atividades e ministério e assim aprender a discernir a atual situação da igreja e buscar o melhor de cada um dos modelos.

Centralidade do Movimento. Neste terceiro eixo, que é a parte mais prática da obra e também pode ser a mais controversa, Keller inclui três capítulos nos quais desenvolve uma filosofia prática para o ministério da igreja. Três temas principais são aqui abordados: o debate sobre a igreja missionária; mobilizando a igreja numa cultura “perdida”; e a natureza de “movimentos” de plantação de igrejas. A melhor palavra para resumir este ponto é colaboração. A *igreja centrada* deve ser uma igreja que evita criar sua própria tribo. Ela não deve se isolar, mas, guiada pelo Espírito Santo, deve buscar através dos seus mais diversos ministérios a prosperidade e a paz da sociedade. A proposta de igrejas de diferentes vertentes denominacionais que se unem em colaboração para evangelizar a cidade pode parecer estranha e ofensiva para alguns líderes mais conservadores, mas o apelo de Keller à expressão do Credo dos Apóstolos “santa igreja católica” nos parece uma base sólida para esta colaboração (p. 433-439).

Keller afirma que o sectarismo e o racismo negam a catolicidade e critica a postura das igrejas que “identificam-se tanto com sua tradição teológica, que não conseguem se unir a outras igrejas evangélicas ou a outras instituições para alcançar a cidade ou trabalhar para o bem comum” (p. 29).

A *igreja centrada* deve ser uma igreja que busca ser missional, preparando pessoas para desenvolverem seus ministérios onde quer que elas estejam. Keller sugere diversos movimentos ou diversas ações que a igreja pode desenvolver dentro da cidade ou dentro da cultura. Para um ministério bem-sucedido, a liderança da igreja precisa valorizar as vocações e fazer uso das diversas metáforas e imagens que a Bíblia usa para descrever a igreja, levando-a a se engajar na sociedade para transformá-la. Para o autor, devemos fugir do tradicionalismo; caso contrário, a igreja pode estagnar e morrer. Keller critica as igrejas que se fecham em tribos e ideologias denominacionais, e por isso não aprendem com outros movimentos eclesiais que também fazem parte do Reino de Deus. Nesse ponto reconhecemos uma lógica estratégica na argumentação do autor, mas sentimos falta de fundamentação bíblica, o que daria maior sustentação para sua proposta. Para ele, uma igreja centrada deve fazer parcerias com outras tradições históricas ou características teológicas diferentes das suas, a fim de alcançar a comunidade.

Ele afirma que

Quanto mais esse ministério vier “do centro” de todos os eixos, mais dinâmico e frutífero ele será. O ministério que pende para qualquer extremidade do espectro ou eixo extinguirá seu poder de transformar a vida das pessoas que estão dentro dele ou que o cercam (p. 29).

Igreja Centrada é uma obra acadêmica e prática. Certamente será uma ferramenta útil para pastores, líderes e cristãos em geral que amam o Reino de Deus e desejam a expansão e crescimento da igreja. Recomendamos sua leitura. Por certo, ela haverá de fortalecer as convicções teológicas do leitor, além de oferecer uma filosofia de ministério com diretrizes bíblicas, antes de propor modelos e métodos de multiplicação para o desenvolvimento de um ministério urbano eficaz.